

EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL: ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA

Andrea Antinolfi Pereira¹
Dalila Inês Maldaner Backes²

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo investigar de que forma a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental influencia o processo de aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual utilizou como instrumentos de coleta de dados entrevistas semiestruturadas e grupos focais. Nas entrevistas, o objetivo voltou-se a dialogar com duas professoras de Educação Infantil, duas docentes de 1º ano do Ensino Fundamental e três Coordenadoras Pedagógicas acerca de seu conceito de Educação Infantil, Ensino Fundamental e a influência da transição dessas etapas da Educação Básica para o processo de aprendizagem. Nos grupos focais, o objetivo dirigiu-se a verificar como as crianças percebem a escola de Ensino Fundamental, assim como a Escola de Educação Infantil. Foram efetivados quatro grupos focais, sendo dois na esfera infantil e dois no Ensino Fundamental. Através da pesquisa, percebeu-se que a díade entre Educação Infantil e Ensino Fundamental ainda não se concretizou, ocorrendo, na verdade, uma fragmentação entre essas duas etapas da Educação Básica. Dessa forma, compreende-se que a fragmentação existente entre Ensino Fundamental e Educação Infantil não favorece para que a transição seja um ponto potencializador da aprendizagem, a qual não inicia somente quando a criança passa a fazer parte do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Educação infantil. Transição. Ensino fundamental.

ABSTRACT

The present study aims to investigate how the transition from kindergarten to elementary school affects the learning process. This is a qualitative research using as instruments of data collection semi-structured interviews and focus groups. In structured interviews the purpose was talk with two teachers of Early Childhood Education, two teachers from the first grade of Elementary School and three Pedagogical Coordinators about this concept of Early Childhood Education, Elementary Education and the influence of the transition of these two steps of Basic Education for learning process. In the focal groups, the purpose was to observe how the children perceive the school of middle school, as well as the School of Early Childhood Education. Were hired four groups, two of the children's sphere and two children from the Elementary School. In this sense, the work begins with a brief history of childhood and kindergarten; bring up the following notes on the methodology opted to attend school in early Childhood Education institutions

¹ Graduada em Pedagogia com ênfase em Supervisão e Administração Escolar pela Universidade Feevale e professora de Educação Infantil na rede municipal de Campo Bom – andreapereiranh@hotmail.com

² Professora orientadora do trabalho de conclusão de curso em Pedagogia com ênfase em Supervisão e Administração Escolar pela Universidade Feevale – dalilai@feevale.br

and, finally, discusses how learning in the interim. Through research, it is clear that the dyad between Kindergarten and Elementary School has not been materialized yet, occurring, in fact, a fragmentation between these two stages of basic education. Thus, it is understood that the fragmented between elementary school and kindergarten is not conducive to the transition point is a potentiating of learning, which does not start only when the child becomes part of Elementary School.

Keywords: Childhood education. Transition. Elementary school.

1 INTRODUÇÃO

Considerando a organização atual da Educação Básica, a Educação Infantil passou a personificar o cenário do ensino formal, entendida nesse paradigma como etapa inicial de um processo de alfabetização permanente. A relação dos processos desencadeados nesse limiar é efetivada e ressignificada na segunda etapa, os anos iniciais do Ensino Fundamental, em que a formalidade corporifica os conhecimentos até então efetivados através da ludicidade. A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental é repleta de aspectos que podem vir a potencializar o processo de alfabetização, assim como podem inculcar percalços.

Com a promoção do ingresso das crianças de seis anos para o Ensino Fundamental, elementos vivenciados na Educação Infantil deverão compor o contexto dessa segunda etapa da Educação Básica. A ludicidade é um componente que deverá estar imbricado com os processos vivenciados, sendo que a Resolução CNE/CBE nº 07, de 2010, reafirma esse posicionamento e sugere a interação e a inter-relação dessas duas etapas da Educação Básica.

O presente estudo almejou investigar, em três realidades escolares do município de Campo Bom, de que forma a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental influencia no processo de aprendizagem, sendo resultado do trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia com ênfase em Supervisão e Administração Escolar pela Universidade Feevale.

Após a efetivação das entrevistas semiestruturadas com os coordenadores pedagógicos e com os professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental dos ambientes escolares selecionados e dos grupos focais com os alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, chega o momento de analisar toda essa gama de dados obtidos, em que procuro

responder ao meu objetivo central de estudo, o qual se volta a investigar de que forma a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental influencia o processo de aprendizagem.

2 TECENDO A MALHA ENTRE OS DADOS COLETADOS E A TEORIA

Tem-se ciência de que, ao delimitar objetivos e agir para que se efetivem, a riqueza dos contextos onde se imerge impregna e relaciona-se diretamente com os pressupostos, preconceitos e hipóteses anteriormente arquitetados, construindo, então, uma malha de conceitualizações. Essa malha se dirige a expressar novos saberes, interpenetrados pelos sujeitos que foram envolvidos e que se envolveram na pesquisa, assim como a fustigar mais questões que ainda não tinham sido engendradas.

A presente pesquisa relatada caracterizou-se por uma análise qualitativa através de um estudo exploratório. Seus procedimentos para desenvolvimento se embasaram no método de estudo de caso, utilizando como ambientes de imersão uma escola de Educação Infantil (EI) e duas escolas de Ensino Fundamental, sendo que uma dessas inicia seu atendimento com a faixa etária dos seis anos, ou seja, a partir do 1º ano do Ensino Fundamental (EF1), e a outra escola principia seu atendimento com alunos em idade da Educação Infantil (EF2). A temática foi abordada através do entendimento do que seja uma pesquisa com enfoque qualitativo, segundo Prodanov e Freitas (2009), em que o ambiente é a fonte direta de coleta de dados.

Posteriormente às entrevistas semiestruturadas, que foram realizadas com três coordenadoras pedagógicas, e aos grupos focais efetivados, chega o momento de refletir acerca desse cabedal de materiais, dialogando intrinsecamente com a teoria.

Falas, sentimentos, reações, conceitos e predisposições foram objetos de estudo, transformados

em instrumentos de conteúdo, que, analisados à luz da teoria, buscou-se ponderar se a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental influencia no processo de aprendizagem.

A coleta de dados, através do grupo focal, esteve embasada, nesta pesquisa, em Gatti (2005, p. 9), pois “[...] há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e porque pensam o que pensam”. Realizaram-se um grupo focal na EF1, com os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental; dois grupos focais na EF2, sendo um grupo com os

alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental e um grupo com os alunos da Educação Infantil; e um grupo na EI. Como, segundo Gatti (2005), em um grupo focal a dinâmica é regida pelos componentes do grupo, a quantidade de participantes não foi maior do que 12, sendo que todos devem ser considerados e terem a escuta atenta do moderador.

Anteriormente à descrição da análise, faz-se necessária a organização de uma legenda que descreva os instrumentos e os sujeitos envolvidos na coleta de dados para a futura inserção no texto reflexivo através de abreviaturas e cores.

ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	ABREVIATURAS	DESCRIÇÃO DO SUJEITO DE PESQUISA
	CP/EF1	Coordenadora Pedagógica da EF1
	PROF 1º/EF1	Professora de 1º ano do Ensino Fundamental da EF1
	CP/EF2	Coordenadora Pedagógica da EF2
	PROF JNA/EF2	Professora de Jardim Nível A da EF2
	PROF 1º/EF2	Professora de 1º ano do Ensino Fundamental da EF2
	CP/EI	Coordenadora Pedagógica da EI
	PROF JNA/EI	Professora de Jardim Nível A da EI

GRUPOS FOCAIS	ABREVIATURAS	DESCRIÇÃO DO SUJEITO DE PESQUISA
	GF/EF1	Alunos do 1º ano do Ensino Fundamental na EF1
	GF JNA/EF2	Alunos do Jardim Nível A na EF2
	GF 1º/EF2	Alunos do 1º ano do Ensino Fundamental na EF2
	GF/EI	Alunos do Jardim Nível A na EI

3 A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E A SUA INFLUÊNCIA PARA A APRENDIZAGEM

Principiando o diálogo acerca da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, faz-se de extrema importância iniciarmos a discussão pelos elementos descritos nas entrevistas. Todos os profissionais foram convidados a descrever sua visão de como ocorre essa transição e seus relatos seguem descritos no esquema do quadro 1.

O posicionamento de cada escola em relação à transição da Educação Infantil para o Ensino

Fundamental reflete os conceitos dessas duas etapas da Educação Básica e foi possível perceber, nos relatos dos profissionais da EF1, a descrição da transição como um momento natural, mas sentimentos como ansiedade e expectativa são descritos como componentes desse processo. A PROF1º/EF1 relatou que é um momento de insegurança para todos os envolvidos, e a CP/EF1 descreveu como mais uma etapa de ruptura vivida pela criança, afirmando que se seguirão outras. É importante analisar esse aspecto de ruptura trazido pela CP/EF1, apontando-o como um elemento

TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

É ALGO NATURAL. ALGUMAS CRIANÇAS CHORAM, MAS É NORMAL. ME PARECE QUE PAIS E CRIANÇAS RECHEIAM ESTE MOMENTO DE ANSIEDADE AO INVÉS DE TRANQUILIDADE. CLARO QUE É UMA QUEBRA DE ETAPAS, MAS O MUNDO É ISSO, AS APRENDIZAGENS E A VIDA É REPLETA DE RUPTURAS – CP/EF1

PENSO QUE É UM MOMENTO DE CRESCIMENTO QUE PRECISA SER MUITO BEM PREPARADO. É QUE AS CRIANÇAS SAEM DE UM UNIVERSO MUITO MÁGICO PARA UMA ESTRUTURA POR VEZES MECÂNICA - CP/EI

VEJO COMO UM MOMENTO QUE GERA MUITAS EXPECTATIVAS POR TODOS ENVOLVIDOS, TANTO CRIANÇAS, COMO FAMÍLIAS E PROFESSORES. E TAMBÉM DE INSEGURANÇA – PROF1º/FF1

É NATURAL, JÁ PROCURAMOS TRABALHAR EM CONJUNTO E COM OS DE FORA VAMOS COM MAIS CALMA – PROFJNA/EF2

É NATURAL, POIS JÁ TEMOS JNA NA ESCOLA. COM OS DE FORA HÁ A VISITA, MAS É POUCO, POIS ALGUNS CHORAM E PRECISAMOS TER UMA ATENÇÃO ESPECIAL – PROF1º/EF2

PELO QUE PERCEBO É UM PROCESSO DE RUPTURA, O ALUNO SAI DO JNA APRENDENDO DE FORMA LÚDICA, PRAZEROSA, PARTINDO DAS SUAS DESCOBERTAS, DE SUAS VONTADES, COM TEMAS DIFERENTES, PARA UMA ESCOLA QUE PRIORIZA O CONTEÚDO A SER PASSADO. É A SAÍDA DA DESCOBERTA ATRAVÉS DA PRÁTICA E A ENTRADA SOMENTE NA TEORIA - PROFJNA/EI

COMO NA NOSSA ESCOLA HÁ AS DUAS ETAPAS, ISTO OCORRE NATURALMENTE E ENTÃO NOS PREOCUPAMOS COM OS QUE VEM DE FORA. O MUNICÍPIO NÃO ESTIMULA, MAS VEMOS COMO IMPORTANTE – CP/EF2

Quadro 1 – Descrição de como ocorre a transição da Educação Infantil no local de trabalho dos profissionais participantes das entrevistas semiestruturadas

natural à aprendizagem. Zabalza (1998, p.15), dialogando sobre os pontos de conexão entre Educação Infantil e Ensino Fundamental, assim se posiciona:

[...] Um outro âmbito de conexão da escola infantil deve ser estabelecido em relação ao Ensino Fundamental. Postular a 'identidade e autonomia' da escola infantil não significa, absolutamente, considerá-la como um espaço separado no processo da escolarização. Uma das finalidades que o modelo curricular atribui à escola infantil é o de 'dotar as crianças das competências,

aptidões, hábitos e atitudes que possam facilitar a posterior adaptação ao Ensino Fundamental'.

Percebe-se que este é o entendimento que a EF1 tem para com a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, é que a escola infantil somente prepara seus sujeitos para aprendizagens vindouras e não vivencia e proporciona aprendizagens possíveis no momento presente. Ao afirmar que a transição é uma ruptura, a CP/EF1 descreve a relação que se estabelece com a escola infantil como inexistente. A complementariedade

que a LDB 9394/96 legitima para todas as etapas da Educação Básica não é vivenciada por essa escola e, quem sabe, esse seja o motivo pelo qual algumas crianças choram e ocorra tão marcada insegurança.

A questão da ruptura também esteve presente na descrição da transição pela PROFJNA/EI, pontuando que “[...] É a saída da descoberta através da prática e a entrada somente na teoria”. Muitos aspectos aí são levantados para reflexão e um deles se dirige ao entendimento de educação que o município no qual a pesquisa foi aplicada possui, pois a referência de um momento de ruptura foi apontado em mais de uma unidade de ensino. Observa-se que a dicotomia entre Educação Infantil e Ensino Fundamental é vista com naturalidade, pois, como afirmou a CP/EF1, é mais uma vivência de muitas que uma criança tem.

Mas, em contraposição ao posicionamento de tolerância e, digamos, de passividade que os profissionais da EF1 demonstraram em relação a essa ruptura, os profissionais da EI demonstraram estar incomodados e descontentes em como essa transição vem transcorrendo. A CP/EI descreve a transição como um momento de crescimento que precisa ser planejado, sendo que a PROFJNA/EI aponta a falta de conexão entre as duas etapas iniciais da Educação Básica. Em seus discursos, é possível observar a importância que a transição tem para os processos pedagógicos, pois, ao atentar para um momento que, devido às circunstâncias e ao enquadramento social, é recoberto de insegurança, os profissionais da EI demonstram uma visão de educação para além de seu local de atuação. A integralidade e a continuidade da construção do saber é um dos pressupostos visíveis no posicionamento dos profissionais da EI, tendo como base para essa defesa a seguinte afirmação da PROFJNA/EI:

Ao final de cada ano, solicito que minha coordenadora pedagógica entre em contato com as escolas fundamentais que receberão no ano seguinte nossos alunos, mas somente uma se mostra aberta e efetivamos uma visita orientada. Preocupo-me com esta transição, com essa saída e como o município não estimula nada, eu, juntamente com a coordenação, realizo uma avaliação o mais descritiva possível, para que, se a professora que receber nossos pequenos quiser algumas pistas, lá vai encontrar.

Essa preocupação em engendrar aspectos que possam desencadear aprendizagens demonstra a responsabilização para com os alunos, assim como o papel que a escola e a professora assumem na vida escolar da criança. Além disso, é pensando na integralidade municipal e possuindo uma visão sistêmica que a escola se preocupa em desenvolver ações que venham a contribuir e que se coadunem com o entendimento de sistema municipal de ensino, o qual abrange as escolas infantis e fundamentais do município.

Ao analisar as respostas à questão de como é sua visão da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental na EF2, percebeu-se uma unanimidade em descrevê-la como um processo natural. A escola atende desde a faixa etária dos quatro anos até o 5º ano do Ensino Fundamental e, devido a esse atendimento interetapas da Educação Básica, constata-se, nas respostas dos profissionais entrevistados, que a transição de uma etapa para outra ocorre com naturalidade, mas o que foi possível verificar não se dirige a uma unanimidade tão marcada.

No GFJNA/EF2 e no GF1º/EF2, foi questionado às crianças se elas já tinham participado de atividades em conjunto entre Jardim Nível A e 1º ano, e a resposta foi negativa. O conhecimento, pelas crianças, das professoras dessas turmas também não foi presente, mesmo o discurso da PROFJNA/EF2 e da PROF1º/EF2 se voltando a um trabalho integrado. A CP/EF2 também referiu essa aproximação entre as etapas, mas ela não foi identificada. Percebe-se que, ao atender as duas faixas etárias, tem-se o entendimento de que o processo de transição de uma etapa para outra seja natural, o que não é verdadeiro, pois a metodologia é descrita tanto por professores como pelos alunos participantes dos grupos focais como diversa.

Na EF2, há a preocupação com os alunos que vêm de escolas infantis, sendo possibilitada uma visita orientada, segundo a CP/EF2, de suma importância. Identificou-se que a EF2 tem uma visão integral das etapas da Educação Básica, mas está se preocupando mais com “os de fora” do que com “os de dentro”.

Oliveira (2002, p. 140) relata-nos a importância de um ambiente acolhedor e que não cause insegurança, para que a criança possa efetivar avanços e construções em seu processo de ensino-aprendizagem.

[...] A motivação para aprender surge à medida que a criança busca dominar algo como meio de satisfazer certas necessidades. Ser colocada em um ambiente que não lhe desperte medo, mas a incentive a explorá-lo, ter sua atenção dirigida a aspectos significativos para si mesma são elementos que ampliam o sucesso da criança na grande aventura de conhecer.

Questionados acerca dessa função que a transição pode vir a efetivar para o desencadeamento de aprendizagens conectivas de uma etapa da Educação Básica para outra, os profissionais responderam à seguinte pergunta: na sua opinião, a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental influencia ou não na aprendizagem?

SIM	EM PARTE
<p>“Percebemos que as crianças que frequentaram a Educação Infantil parecem que estão mais abertas para aprender, já vem com regras, com conhecimentos e isto facilita muito.” – CP/EF2</p>	<p>“Às vezes, porque eu acho que depende da maturidade da criança. Mesmo a escola infantil realizando várias propostas, depende de como o próximo professor vai encarar estas aprendizagens.” – CP/EI</p>
<p>“Com certeza. Se os professores se aproximassem mais e as escolas também não ocorreria esta ruptura. As descobertas da educação infantil influenciam muito no ensino dos conteúdos o que nos falta é comunicação!” – PROFJNA/EI</p>	<p>“Depende, pois cada criança demonstra de uma maneira. É claro que em relação às regras é um diferencial, mas depende de como a professora do 1º ano vai efetivar seu trabalho.” CP/EF1</p>
<p>“Com certeza. Faz toda a diferença devido a cobrança de alfabetização no 1º ano, as crianças já vem com vários aprendizados e nós fazemos as conexões e aumentamos um pouco mais.” – PROF1º/EF2</p>	
<p>“Com certeza. Percebemos de longe quais são as crianças que estão mais maduras, pois já frequentaram a educação infantil. As aprendizagens ocorrem com mais naturalidade e tranquilidade.” – PROF1º/EF1</p>	
<p>“Influencia, o ambiente escolar oferece recursos, as crianças já vem com regras, mais autônomas e mais maduras.” – PROFJNA/EF2</p>	

Quadro 2 – A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental influencia na aprendizagem, segundo os profissionais entrevistados

Percebe-se que houve o posicionamento positivo para com a influência da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental em relação à aprendizagem, demonstrando que todos os professores entrevistados denotam à Educação Infantil um papel inicial de conhecimento, “[...] as crianças já vêm com vários aprendizados e nós fazemos as conexões e aumentamos um pouco mais”. – PROF1º/EF2.

Isso conota à Educação Infantil um papel para além da socialização, do contato com um ambiente mais elaborado de sociedade, assumindo, dessa forma, a característica de princípio da construção do conhecimento, da interação com os diferentes saberes.

A PROF1º/EF1 assim se posiciona: “[...] As aprendizagens ocorrem com mais naturalidade e tranquilidade.”, demonstrando que as estimulações vivenciadas na Educação Infantil encontram ressonância nas aprendizagens futuras, ditas, como já foi referido neste estudo, como mais formais, ocorridas no Ensino Fundamental.

Ao analisar as respostas e identificar que todos os professores percebem a Educação Infantil como uma etapa de muita importância para as aprendizagens subsequentes, tem-se o entendimento de que suas metodologias e as práticas desenvolvidas se voltam a valorar o que ocorre na primeira etapa da Educação Básica; mas duas Coordenadoras Pedagógicas apontam que essa influência direta na aprendizagem somente se efetiva quando o professor se direciona a uma anamnese dos alunos: “[...] depende de como o próximo professor vai encarar estas aprendizagens”. – CP/EI, “[...] depende de como a professora do 1º ano vai efetivar seu trabalho” - CP/EF1.

Questões são evocadas com essas falas: as Coordenadoras Pedagógicas estão envolvidas e cientes do trabalho desenvolvido pelos professores, assim como sua visão do que seja aprendizagem? Retomando a visão sistêmica, há um diálogo transversal entre os profissionais que exercem a coordenação pedagógica nas diferentes etapas da Educação Básica ou há fragmentação? Percebe-se que os professores apontam um caminho, “[...] As descobertas da educação infantil influenciam muito no ensino dos conteúdos, o que nos falta é comunicação!” – PROFJNA/EI, ressaltando que através da aproximação entre as etapas é que se

potencializará o processo de ensino-aprendizagem efetivado.

Oliveira (2002, p. 170) descreve esse olhar integral, que percebe para além de uma etapa, para além da fase estanque.

A constante orientação do trabalho educativo deve respeitar a infância, captá-la na complexidade de sua cultura com sua pluralidade de características. A perspectiva que defendemos é a de que o projeto pedagógico daquelas instituições busque fazer o olhar infantil saltar o muro, quebrar barreiras, e que o olhar dos educadores procure reconhecer daquilo que as famílias das crianças sabem, veem e esperam.

Dessa forma, a proposta pedagógica do município deve estar voltada para a promoção desse olhar, visto que a aprendizagem não ocorre somente na escola, nem em alguns anos escolares específicos. É processual e transcendental aos muros escolares.

Construir uma proposta pedagógica implica a opção por uma organização curricular que seja um elemento mediador fundamental da relação entre a realidade cotidiana da criança – as concepções, os valores e os desejos, as necessidades e os conflitos vividos em seu meio próximo – e a realidade social mais ampla, com outros conceitos, valores e crenças de mundo. Envolve elaborar um discurso que potencialize mudanças, que oriente rotas. Em outras palavras, envolve concretizar um currículo para as crianças. (OLIVEIRA, 2002, p.169).

Assim, aprendizagem *para vida, na vida e com vida*.

4 CONCLUSÃO

A análise dos dados coletados sinaliza alguns pontos de conclusão, de arremate de uma malha inesgotável do saber e, dessa forma, a questão preponderante se anuncia: a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental é um aspecto que pode vir a potencializar o processo de aprendizagem?

Ao analisar as respostas dos profissionais entrevistados e os relatos advindos delas, percebe-se que o município no qual a pesquisa foi efetivada

não tem preocupação em instituir como política pública processos e instrumentos que legitimem a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental como um elemento potencializador das aprendizagens; além disso, identifica-se que o conceito de educação é entendido através da compartimentação das etapas e não de um único processo que se desencadeia quando o ser humano nasce. Metodologias e currículos, no município no qual a pesquisa se transcorreu, são delineados e pensados a partir de pressupostos diferentes que, por vezes, podem não ser complementares devido à seara de atendimento.

Além disso, como os profissionais que atuam na transição a efetivam? Percebe-se que, ao contrário de outras profissões, a análise do que ocorreu antes, uma anamnese, um diagnóstico inicial, por vezes não tem valoração para o que se desencadeia. A fragmentação e a compartimentação ainda são processos amplamente efetivados na educação, mesmo que se tenha o discurso de educação para a vida, visando à educação integral. Esse saber que deve se constituir na cotidianidade, interpenetrando todas as etapas de vida, tempo e escolaridade na qual o sujeito se encontra, ainda não se efetiva em nossas escolas e foi possível constatar, com precisão, no sistema de ensino pesquisado.

Ponderando os contextos de imersão, percebeu-se o que Motta (2011, p.167) descreve em sua pesquisa:

A expressão do corpo revelava uma aprendizagem; a sala de aula, no ensino fundamental, era um espaço de movimentos mais contidos, as vozes reguladas num volume mais baixo. Os movimentos não autorizados deveriam ser feitos de maneira rápida e sutil, preferencialmente quando a professora não estivesse atenta. Percebia-se aqui uma sujeição dos corpos infantis à lógica das culturas escolares, que conformam um tipo de subjetividade bem específica: a do aluno.

Pode-se observar, na pesquisa efetivada, que as crianças deixavam suas “criancices” do lado de fora da sala de aula de Ensino Fundamental, como se esses aspectos fossem impedir a construção de conhecimento. Dessa forma, acredito que não ocorra

realmente uma construção do conhecimento, pois a troca entre os pares, a dinâmica de uma discussão possibilitando o olhar para mais de um viés e a argumentação não se efetivam em um ambiente que não possibilita a interação genuína entre os componentes de um grupo.

Além da díade entre Ensino Fundamental e Educação Infantil, há a necessidade de os profissionais que atuam nessas duas etapas da Educação Básica, que deveriam ser complementares, atentarem para a conceitualização do sujeito que vivencia essa escolaridade, e Motta (2011, p.171) ressalta um aspecto importantíssimo: “O que não podemos esquecer é que crianças de seis, sete ou mesmo de dez anos são ainda crianças, estejam mais ou menos escolarizadas. Crianças e alunos, e não mais crianças ou alunos”.

Assim sendo, faz-se necessário o arrefecimento da fragmentação entre educar e cuidar, transformando esses dois elementos do conhecimento em protagonistas desencadeadores da construção do saber, ou seja, perceber que as crianças se tornam alunos amiudamente, assim como se apropriam de toda a complexidade do mundo que as cerca, tendo como coadjuvantes permanentes suas fantasias, seus medos, suas expectativas, suas brincadeiras e seus desejos que caracterizam a subjetividade infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Federal 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 out. 2011.

_____, Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 7 de 14 de dezembro de 2010**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=866&id=14906&option=com_content&view=article>. Acesso em: 10 out. 2011.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005. 77 p. (Série Pesquisa; 10)

MOTTA, Flávia Miller Naethe. **De crianças a alunos:** transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 157-173, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a10.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2012.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. 255 p. (Coleção Docência em Formação).

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2009. 288 p.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil.** Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998. 288p.